



VERDI: MESSA DA REQUIEM

Grimaldi (s), Zhidkova (ms), Ferreira (t), Didenko (b), Corboz (d), Orquestra e Coro Gulbenkian

Gulbenkian, Lisboa, dia 2

A “Messa da Requiem” (1874) de Giuseppe Verdi (1813–1901) é não só o mais dramático de todos os Requiems, mas também o mais apelativo do ponto de vista emocional. Atravessada pelas evocações graves do Dia da Ira (*Dies iræ*), é uma obra onde a súplica alterna com o pavor, onde a luminosidade pontual dos solistas contrasta com a opressividade insistente da massa coral. Com o esplêndido Coro Gulbenkian em estado de graça — regia o concerto Michel Corboz, seu maestro titular de há quase 50 anos — e a Orquestra audivelmente inspirada, foi fácil admirar a floresta sem nos preocuparmos com as maleitas de algumas árvores. Às vezes o ótimo é inimigo do muito bom. Acrescente-se que Corboz revelou nesta música uma garra e energia que há muito julgávamos perdidas. Entrei desapontado com a ausência (por doença) de Mikhail Petrenko — um baixo cantante que muito aprecio — mas o seu substituto, Nikolay Didenko, mostrou logo no imponente recitativo *Mors stupebit* que estava à altura do cometimento. Foi o mais sólido e impressionante membro do quarteto de solistas. No que respeita às vozes femininas, prefiro timbres mais contrastados do que os de Erika Grimaldi (soprano de cores escuras) e Elena Zhidkova (mezzo de agudos fáceis). A parte de soprano requer uma voz mais luminosa, capaz de flutuar etereamente os agudos, mas Grimaldi redimiou-se perto do fim com as bem delineadas frases que rematam o *Libera me*. Zhidkova fez gala de um insinuante registo agudo, embora lhe faltem os acentos consoladores que a parte exige. A surpresa maior foi ouvir o tenor Paulo Ferreira numa das raras aparições em Portugal. A sua vocação dramática, com belos agudos, fez dele o único tenor português de carácter spinto nos últimos cem anos. O problema é que neste “Requiem” tem que se haver com o temível *Ingemisco*, talvez a mais difícil ‘ária’ de Verdi para tenor! (Ao longo dos anos ouvi alguns dos maiores tenores soçobrarem na respetiva escalada.) Aplauda-se a decisão de executar a obra sem intervalo, bem como o texto modelar de José Bruto da Costa no programa de sala. Será “Messa da Requiem” a melhor ‘ópera’ de Verdi? Com o grande ausente (o barítono) no lugar do morto, é a prece justa perante os medos do nosso tempo. / J.C.